



Evento	Salão UFRGS 2018: SIC - XXX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2018
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	A Revolução Iraniana e a projeção regional do Irã: impactos e impasses atuais (1979-2018)
Autor	RAFAELA ELMIR FIOREZE
Orientador	PAULO GILBERTO FAGUNDES VISENTINI

Título: A Revolução Iraniana e a projeção regional do Irã: impactos e impasses atuais (1979-2018)

Autora: Rafaela Elmir Fioreze

Orientador: Professor Doutor Paulo Gilberto Fagundes Visentini

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Realizado no âmbito do Núcleo Brasileiro de Estratégia e Relações Internacionais (NERINT) e estando inserido na linha de pesquisa do grupo referente às relações internacionais do continente asiático, o presente trabalho tem como objetivo central entender como a Revolução Iraniana de 1979 permitiu que a República Islâmica do Irã crescentemente projetasse seu poder sobre o Oriente Médio e, conseqüentemente, ascendesse como uma potência regional. Para isto, optou-se pela utilização da metodologia hipotético-dedutiva, tendo como principal instrumento metodológico a revisão bibliográfica de artigos e livros que versam sobre o assunto, bem como a análise de discursos de líderes envolvidos nas dinâmicas da região. Dessa forma, tem-se como hipótese central a ideia de que Revolução de 1979 e o novo regime com ela instaurado abriram espaço para a emergência de uma nova potência na região. Mais do que isso, supõe-se também que esta ascensão do Irã vem provocando uma reação em nível regional e internacional, com a formação de uma espécie de “coalizão” que vem tentando restringir sua influência e projeção de poder. A Revolução Iraniana foi o movimento responsável pela deposição do regime monárquico e secular do Xá Reza Pahlevi – um regime modernizador, mas, reconhecidamente, de caráter pró-Occidente. Uma vez realizada a revolução, que, em grande medida, teve o clero como liderança, estabeleceu-se uma república teocrática islâmica, a qual buscava reavivar os tradicionais princípios xiitas que, com a monarquia, estavam sendo obscurecidos. Surgiu, assim, um governo cuja figura principal era o aiatolá – mas com uma constituição de caráter gaullista – e cujo objetivo era, em linhas gerais, desenvolver o Estado iraniano de um modo autônomo e dissociado do Occidente, tendo por base os ideais islâmicos. Tendo isso em mente, é possível pressupor que, ao instaurar um regime “anti-Occidente”, que procurava evitar a ingerência externa, a Revolução Iraniana abriu as portas para a consecução de um projeto mais autônomo de desenvolvimento, tanto no ramo econômico quanto no militar, permitindo, portanto, a ascensão do Irã como uma potência regional. Diante dessa situação, verificou-se no decorrer dos anos 1980, e mesmo no pós-Guerra Fria, uma tentativa de isolamento do Irã por parte dos demais países da região, especialmente por parte das monarquias do Golfo. Assim, a partir de um acirramento de tensões, iniciaram-se a delinear as principais alianças na região, tendo-se, em um extremo, o Irã – ligado especialmente à Síria e ao Hezbollah – e no outro, a Arábia Saudita – aliada às petromonarquias, aos Estados Unidos e, menos explicitamente, a Israel. Ademais, se a retomada do interesse e dos empreendimentos referentes à questão nuclear colaborou para pavimentar o caminho da ascensão iraniana – gerando reações de ainda maior amplitude por parte de seus vizinhos –, o refluxo parcial dos Estados Unidos no Oriente Médio, derivado da retirada de suas tropas do Iraque, ao criar uma espécie de “vácuo de poder” na região e abrir espaço para a ascensão de potências médias regionais, reforçou essa situação. Assim, preliminarmente, constata-se que a projeção de poder iraniano – derivada majoritariamente de uma modernização militar – somada a características que o diferenciam dos demais países da região (como o fato de ser um país não árabe e de religião xiita), tem gerado desconfiança por parte de atores regionais, como a Arábia Saudita, os Emirados Árabes Unidos e Israel, e extra regionais, como os Estados Unidos. A partir disso, é possível perceber um acirramento das rivalidades com os países supramencionados nos contextos regional – exemplificado pelas guerras civis na Síria e no Iêmen – e internacional – conforme demonstrado pela recente retirada dos Estados Unidos do acordo nuclear com o Irã –, estando ambas as esferas, entretanto, intimamente interligadas.